JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DE GUIMARÃES E O DE MAIOR EXPANSÃO NO CONCELHO

Notícias de Guimarães

ANO 21.º N.º 1082

GUIMARÃES, 12 de Outubro de 1952

Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-2 Tel., 4313

Comp. e Imp., *Tip. Ideal.* Tel., 4581

VISADO PELA CENSURA

— AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

SINGELO REPARO

à magem de uma Parada Agrícola

Que quer significar uma parada agrícola?

Um cortejo onde se patenteiam as actividades do labor agrário.

A etnografia no ponto de vista rural, completa este cortejo.

A par da etnografia surge o folclorismo. Usos, costumes, trajos, cantares, danças, são a bizarra moldura das paradas agrícolas.

Contudo, *o número primário destas manifestações da vida dos campos, é tudo quanto traduz uma ideia de economia rural.*

Fazem parte destas paradas de cor regional os trabalhos dos artífices das apeirias da lavoura. No plano industrial, igualmente lhe dizem respeito os fabricos do azeite, dos lacticínios, das moengas, do mel, das cortiças, das madeiras e outros.

No domínio do fomento animal fica bem a incorporação do gado bovino, cavalar, lanígero, caprino, suino, aves de capoeira, coelhos, pombas, patos, etc..

Razão por que a freguesia de Pedome se fez representar com um carro onde se destacavam algumas espécies da avicultura e conicultura.

No seu género, dentro do ramo da ciência agrária era — único.

Talvez por isso o Júri não deu pela presença deste carro.

Reparou, com galardão, nos carros do baptizado e das lavadeiras — realmente muito pitorescos —; *mas não deu conta de um carro que se integrava mais plenamente nas manifestações da economia agrária.*

Aceitemos que o carro de Pedome não atingisse o alvo dos gostos populares.

O que não resta dúvida é que ele, *no seu género*, não tinha similar.

Correspondia, plenamente, ao índice dado em circular pela comissão organizadora da parada: — «*Que esta seja a afirmação do valor da nossa lavoura*».

A parada agrícola não podia, pois, deixar de ter um carro no seu género.

Compreende-se fàcilmente que, para a sensibilidade popular, os carros de mais pitoresco, de mais teatro, são os que mais agradam. A multidão gosta de vibrar.

Mas a fibra emocional de um Júri, tem de aferir-se por bitola diversa.

O senso crítico de um Júri tem de guiar-se pela serena reflexão do seu pensamento.

Um Júri, dadas as suas responsabilidades de julgamento, não pode correr atrás dos aplausos emocionais do povo. Embora não faça tábua rasa desses aplausos, ainda assim tem de pôr na balança das suas decisões os valores que entram em causa quanto ao mérito ou demérito de um carro.

Pois aqui é que bate o ponto:

— Não estava o carro de Pedome com alguma originalidade, dentro das condições que mais caracterizam ou devem caracterizar um cortejo agrícola?

Porventura, *no género*, teve algum outro que se lhe assemelhasse?

Seria, para o Juri, difícil a tradução do seu sentido?

Seria tal carro uma... charada indecifrável?

Não creio. O caso foi outro. O carro de Pedome, talvez por não ser espectacular, não lhes feriu a retina. Se o vissem — com olhos de ver — teriam reparado que ele, sendo portador de galinhas, pombas, coelhos, patos, claramente indicava o que queria significar.

Dentro de dois ramos da ciência agrária, ele tinha destaque: avicultura, conicultura.

Para mais avultar, um galo, cenogràficamente empoleirado, cantava. Cantava o seu có-có-ró-có sonoro. Empoleirado na garimpa da torre, girando à rosa dos ventos, o galo, regulador do Tempo, observatório astronómico do lavrador, cantava.

Não atentou nele o Júri. Não deu pelo seu có-có-ró-có. Não deu por este galo cantor, que declamava rimas, como qualquer poeta de aldeia.

Só o povo ouviu. E deu mostras de haver gostado.

Quanto ao arranjo do carro de Pedome, não seria, talvez, um primor. Mas era expressivo. Não era banal.

Estava, pois, no caso de ser devidamente apreciado pelo Júri.

Os seus pavões ornamentais, os seus festões coloridos, os seus palhetamentos lantejoulantes, davam nas vistas.

Só isso devia ter sido o suficiente para o Júri distinguir este carro.

Atirarem-no para a vala comum de uma quarta categoria, — foi chacota!

Confundirem-no com um carro onde se patenteava a apologia da taberna, — foi agravo!

O carro de Pedome, não merecia que o Júri o maltratasse!

Agora, sem recurso contra o julgamento do Júri, melhor é ir pensando na desforra. E a desforra, para outra vez, está em fazer obra de menos tese e mais teatro. A bochecha do riso, vale um prémio. Fazer rir, eis tudo. O resto... quase nada.

Pensem na desforra os meus amigos de Pedome. Nada de amuar.

Arrematando:

Este pequeno *senão* do meu reparo, não tira brilho à festa.

Famalicão timbrou de bairrismo. Subiu na minha admiração.

Eu que vivo à ilharga do concelho, ainda assim sinto-me, patriòticamente, na obrigação de erguer o meu chapéu e bradar, sentidamente:

— Bem haja a *equipa* Folhadela!

A. L. DE CARVALHO.

LUÍS FILIPE COELHO

A 4.ª página do presente número do *Notícias de Guimarães* é inteiramente consagrada à memória do nosso inesquecível Amigo *Luís Filipe Coelho*, a quem se presta, aproveitando a passagem da data em que celebraria o seu aniversário natalício, a homenagem a que tinha direito.

Miragens...

Creio que o «caso» de Faruk, está definitivamente arrumado na história. Nada pode deter a ordem natural das coisas e a marcha dos acontecimentos que se sucedem, de forma correlativa e num amplo sentido de renovação, de reposição de valores, de consequências assombrosas e construtivas para a vida de uma Nação. A concatenação de factos faz a história — é certo. Esta reflecte a grandeza ou a decadência de um povo, a sua ânsia de progressão colectiva ou o seu fatalismo, narrando factos memoráveis e fenómenos expressivos.

O Egito, de um momento para o outro, ofereceu ao mundo um extraordinário exemplo de reacção cívica. Não se pode ir mais longe, com tanta audácia patriótica, no quebrar de grilhetas para uma nova ordem moral e para a definição de uma nova concepção social. Não que todos os problemas se não resolvessem com a soberania de Faruk. Não que a depuração se não atingisse sob o seu cetro, para levar o país dos Faraós ao caminho do seu valor histórico. Faruk, que até certo ponto se julgou invulnerável no seu orgulho de rei e de potentado, transformou-se — foi obrigado a transformar-se — de um dia para o outro e precisamente nas horas em que dormia a sono solto, num simples cidadão, fazendo-nos lembrar, na sua queda fulminante, aquele sonho infantil de Nabucodonossor... Tinha que ser.

Não se pode deter a marcha dos acontecimentos quando estes têm uma força de justiça a comandá-los. Mais tarde ou mais cedo, como o sol que rasga um castelo de nuvens opacas, vem a consumação perene, absoluta.

Não são os costumes dissolutos, a mania do jogo, das mulheres e das festanças, os prazeres das orgias e das bacanais, que prestigiam os homens ou os reis. Não é o repúdio de uma mulher legítima ou a conquista brutalmente arbitrária de uma outra, que fazem resplandecer uma coroa. Não. Para a solução de todos os problemas de um povo na universalidade de pormenores que se conjugam na sua vida, também são indispensáveis o prestígio e a força moral. Sòmente, é preciso tê-los...

Naguib personifica, sem dúvida alguma, o Egito voluntarioso, forte e decidido. Senhor de uma mística e de um programa, coube-lhe bem aquele repúdio claro do comunismo e das doutrinas extremistas. E' um militar, na verdadeira acepção da palavra, grandioso, até, na forma como soube castigar e dar uma lição de civismo a um homem que não soube ser rei. Naguib fica na história com o seu alto exemplo.

No Vale do Nilo paira o eco da sua voz de guerreiro, tão forte que é capaz de ter ressonâncias no mistério milenário das pirâmides, de abalar o pedestal de deuses e de atingir o cosmopolitismo da ilha do Chipre, para convencer um soberano destronado de que talvez tenha sido feliz na profecia irónica e fatalista dos cinco reis...

SOUSA MACHADO.

N. do A. — Na alusão da última crónica ao livro de Junqueiro, o título do mesmo saiu errado: deve ler-se «Finis Patriæ».

Dr. Alfredo Pimenta

Passa no dia 15 o segundo aniversário do falecimento do Vimaranense ilustre, que honrou como Mestre eminente as Letras Portuguesas.

Ao recordar com mágoa sincera esta data triste e dolorosa, *Notícias de Guimarães* curva-se respeitosamente perante a sua memória, e procurará, no próximo número por neste o não consentir o espaço, prestar-lhe uma pequenina mas afectuosa homenagem.

UM BELO GESTO

de solidariedade

Em aprazível local da vila de Vizela está a ser construído um pequeno mas confortável bairro de casas que se fica devendo à iniciativa própria de um homem generoso — o

Joaquim de Sousa Oliveira

industrial sr. Joaquim de Sousa Oliveira — e que se destina a habitação de pobres, sem o menor encargo de renda.

As casas logo que estejam construídas, e não tardará isso muitas semanas, serão oferecidas aos pobres, por intermédio de instituição competente.

E assim aquela centena de contos, tanto deve custar a simpática e benemérita construção, representará uma valiosa dádiva para os sem pão e sem abrigo, que tantos há, ainda, por esse Mundo fora.

O belo gesto do sr. Joaqim de Sousa Oliveira, que ouviu o apelo do bondoso Padre Américo e soube segui-lo realizando uma obra que é edificante exemplo, merece ser enaltecido e louvado, o que fazemos, prestando-lhe a homenagem a que tem incontestável direito.

Bem haja, mil vezes bem haja!

A. CARLOS LIMA

Ex-Assistente da Faculdade de Direito de Lisboa

ADVOGADO

Rua de Camões n.º 88

GUIMARÃES

Abertura do escritório em 17 de Outubro de 1952

TIPOGRAFIA "IDEAL"

TELEFONE, 4581 GUIMARÃES

Bodas de prata paroquiais

do Pároco de S. Paio

As Corporações Religiosas da freguesia de S. Paio desta cidade, tendo no mais alto apreço a notável acção que durante um quarto de século o seu bondoso Pároco, Rev. P.e Luís Gonzaga da Fonseca, tem desenvolvido em prol da Paróquia, onde só tem sabido espalhar bondade e conquistar amizades e as maiores dedicações, resolveram solenizar condignamente, embora de forma singela, as suas Bodas de Prata Paroquiais, que ocorrem no dia 23 do mês corrente.

Constituidas em Comissão, as referidas Corporações, vão promover uma sessão pública de homenagem ao seu Amado Pastor, a qual se efectuará no dia 26. Nesse mesmo dia, após a Missa que o homenageado celebrará na sua Igreja, durante a qual haverá comunhão das crianças, será cantado um *Te-Deum* em acção de graças e feito o descerramento de uma placa comemorativa daquela celebração.

Esperam as Corporações que todos os paroquianos de S. Paio, amigos devotados e admiradores do seu virtuoso Pároco, dêm a sua inteira adesão à merecida consagração que lhe vai ser prestada.

O Conselho Municipal

aprovou uma Postura Camarária

Sob a presidência do sr. dr. Augusto Ferreira da Cunha, reuniu, na quarta-feira, extraordinàriamente, o Conselho Municipal, que apreciou devidamente e aprovou a Postura Camarária referente aos serviços Municipalizados de água e saneamento, segundo a qual se torna obrigatória a partir de 30 de Outubro a instalação de canalização domiciliária, dentro de um prazo que vai de 30 a 180 dias, conforme a indicação das diferentes artérias da cidade.

Segundo a referida Postura, enquanto não for superiormente aprovado o Regulamento do Serviço de Abastecimento de águas à cidade de Guimarães, consideram-se em vigor todas as disposições do referido Regulamento geral e, com caracter provisório, outras que constam daquela Postura e se referem ao consumo mínimo, novas taxas, etc.

Rotary Clube de Guimarães

Após curto período de férias, recomeçaram, na quarta-feira, as reuniões do Rotary Clube de Guimarães, a que assistiu o delegado do clube de Lisboa, sr. Moitinho de Almeida, que se fazia acompanhar de sua esposa e convidados.

A' reunião presidiu o sr. dr. José Gonçalves, tendo falado durante a sessão, além do sr. Moitinho de Almeida, que endereçou aos rotários vimaranenses as saudações dos companheiros de Lisboa, os srs. Leandro Martins Ribeiro, que se desempenhou da missão que recebera de alguns elementos do clube de Toulouse (França), para a entrega ao clube vimaranense do seu galhardete; José Abílio Gouveia, António de Sousa Lima, José Machado Teixeira, António Ribeiro Ferreira Caldas e Antonino Dias de Castro.

Foram apresentadas algumas «actualidades» e trocadas impressões sobre diversos assuntos que se relacionam com o movimento rotário.

O sr. Presidente deu conhecimento de que vai ser internada no Hospital do Terço, no Porto, para ser operada, conforme resolução tomada oportunamente, uma pobre pequenita das Taipas, que é portadora de uma deformação física.

O MUSEU

de Alberto Sampaio

foi enriquecido com uma bela escultura de marfim

Entrou no Museu de Alberto Sampaio uma notabilíssima imagem em marfim, da altura de sessenta centímetros, que representa Nossa Senhora da Purificação e é obra francesa da segunda metade do século XV.

Não há em nenhum Museu português, onde os grandes marfins são em número restrito, obra que possa comparar-se, como estilização e valores materiais, ao admirável exemplar que agora se reúne às grandes colecções artísticas de Guimarães. Peça excepcional. Peça única no País.

Lentamente, e com um espírito de cultura superior, Guimarães vai marcando os méritos da sua acção para julgamento num período que a História não trará distante.

Um triunfo

da Banda dos Guises

A excelente Banda dos Guises (Sociedade Filarmónica Vimaranense) deslocou-se no domingo a Braga, em cuja Avenida Central e em ambiente de franca hospitalidade e apreço realizou o anunciado concerto, que dedicou à Imprensa da mesma cidade e cuja execução foi por forma a merecer os maiores aplausos e justos louvores.

Também ali se deslocaram nesse dia muitas pessoas de Guimarães que se congratularam com a forma amiga e acolhedora como a visinha cidade recebeu a nossa embaixada artística.

Câmara Municipal

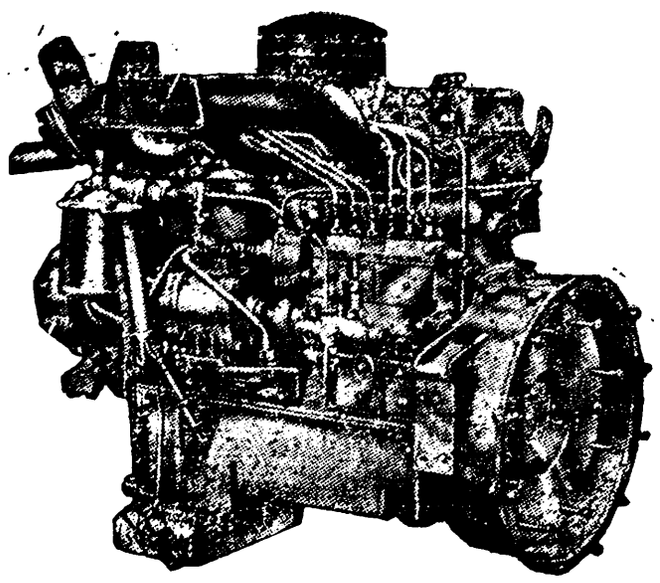
A Câmara Municipal em sua sessão de 8, deu despacho a vário expediente e trocou impressões sobre os terrenos que a Caixa Geral de Depósitos pretende adquirir para a construção do seu edifício nesta cidade.

Resolveu encarregar a Repartição Técnica de organizar o Caderno de Encargos para ser posta em arrematação a reparação da estrada de Mo-

MOTORES PERKINS (DIESEL)

CHEGOU NOVA REMESSA DESTES AFAMADOS MOTORES PARA CAMIONS INGLESES E AMERICANOS

Grande «stock» de peças legítimas para os mesmos motores



REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES GERAIS EM PORTUGAL:

AUTO-INDUSTRIAL, L.DA

À venda nos seus estabelecimentos de

SEDE — COIMBRA — AV. FERNÃO MAGALHÃES

374

LISBOA	PORTO	LEIRIA
AV. DUQUE LOULÉ, 93-95	AV. ALIADOS, 145	R. MOUZINHO ALBUQUERQUE

Assim pensamos

Continuação da 1.ª página

ma para as lutas da vida, assim como o refrigério duma deliciosa brisa que em tarde estival se desprende das montanhas e suavisa a ardência atmosférica que nos aflige. E no entanto são esses pequenos nadas que nos trazem consolação e afervoram os nossos desejos de viver. Sem eles, a persistência do mal derrubar-nos-ia, vincando acerbamente os momentos durante os quais se fizera sentir.

Assim também, mal comparadas, são as irradiações que emanam da obra dos que morreram. Estas pospontam uma trajectória, iluminam-a, reavivam-na, a despeito da sua morte material. E este reacender duma luz que aparentemente se extinguiu, é a voz da posteridade a cantar o hino da vitória, a marcar indelèvelmente a passagem pela terra dum vulto que se evidenciara por obra útil.

Mal dos que nada deram à luz que focasse o indivíduo como a objectiva duma máquina fotográfica que grava para sempre a figura do que em sua frente se posta. — Como pobre flor silvestre, cuja existência jamais atraiu a atenção de quem passa, viverá apenas o tempo em que tiver cor. Perdida esta, findará definitivamente, pois nunca mais será recordada.

* * *

Luís Filipe Coelho, o homem cuja morte ainda hoje pranteamos, foi *alguém* que se impôs à nossa consideração. Simples, modesto, desprendido de atavios, que só recomendam e exaltam figuras sem relevo espiritual, ele caminhou na vida estudando sempre e dando de si boa conta. Marcou como jornalista vigoroso e desempoeirado, como professor canseiroso e amigo dos alunos, e ainda como crítico literário e artístico, conscientemente aferrado às suas opiniões e aos seus vastos conhecimentos.

Por último concorreu valiosamente para o ressurgimento da velha Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranense, a cujo seio levou normas que não estavam em uso em colectividades desta natureza.

Quem uma vez lesse os seus escritos, logo ficava certo de que, pelo seu estilo, pelas suas ideias trazidas a público com desassombro invulgar, ali estava uma figura de relevo, que não era fácil confundir com outras que se esforçam inglòriamente por subir até às nuvens na escala literária.

Aproveitou bem o pouco tempo que viveu. E porque assim é, na verdade, não devemos esquecê-lo.

Não teve em vida, talvez, a aura da felicidade a bafejá-lo. A homens, como ele, não tem apego a fortuna.

Mas viverá para sempre em nossos corações, e, se em nossos cérebros alguma inteligência se abriga, toda ela se dedicará a enaltecer-lhe o valor que largamente evidenciou.

R.

AVISO

Nos termos do disposto nos artigos 158.º e 164.º do Decreto n.º 37.029, de 25 de Agosto de 1948, se declara que está aberto concurso de habilitação para aspirantes do sexo masculino e do sexo feminino das secretarias das escolas do ensino profissional industrial e comercial.

Os requerimentos, contendo o nome, idade, filiação, naturalidade e residência dos interessados, serão entregues, no prazo de trinta dias, a contar do dia imediato ao da publicação deste aviso no Diário do Governo, na secretaria de qualquer das Escolas Comerciais Oliveira Martins, do Porto, e D. Maria I, de Lisboa, onde oportunamente serão prestadas as respectivas provas.

Os candidatos juntarão ao seu requerimento os seguintes documentos:

a) — Certidão de idade que comprove não ter o requerente nem menos de 21 anos nem mais de 30 anos, salvo se este já for escriturário de 2.ª classe de qualquer das escolas de ensino industrial e comercial;

b) — Documento comprovativo de que o concorrente possui ou o curso geral ou complementar de comércio ou o curso geral dos liceus ou habilitação equivalente;

c) — Declaração exigida pelo Decreto-Lei n.º 27.003, de 14 de Setembro de 1936.

Os programas estão publicados no Diário do Governo n.º 287, 3.ª série, de 11 de Dezembro de 1948.

EXPOSIÇÃO DE CALÇADO

Hoje, domingo, realiza a **Sapataria Vimaranense** uma grande exposição de calçado para a próxima época.

No seu próprio interesse faça uma visita às montras da

Sapataria Vimaranense

78, Rua da Raínha, 82 — Telefone, 40145

GUIMARÃES

385

Ofertas e Procuras

Máquinas «Singer»

Modelo Industrial. Para cravadeira ou alfaiate.

Rua Marechal Gomes da Costa, 19 — FAFE. 369

Quinta — Vende-se

Do Assento ou Matamá, freguesia de Vila Nova de Infantas.

Paga de renda 6 carros.

Recebe propostas e informa: Eduardo Santos — Toural — Guimarães. 375

Quarto Aluga-se para uma pessoa só, de preferência estudante. Tratar na Rua de Donães 38 — Guimarães. 380

Cadelas perdidas

Faltaram no dia 1 do corrente duas cadelas de caça, uma preta retinta e com as pontas das patas brancas, que dá pelo nome de «Viana» e outra branca com malhas amarelas, que dá pelo nome de «Branquinha».

Gratifica-se quem indicar o seu paradeiro e procede-se a todo o tempo contra quem as retiver.

Prestam-se os devidos esclarecimentos na nossa redacção. 588

Cadela rateira

Perdeu-se uma, preta e branca, que dá pelo nome de «Andorinha».

Gratifica-se quem a encontrar.

Cadela coelheira

No dia 29 de Setembro desapareceu uma cadela que dá pelo nome de «Doninha», de 5 meses de idade, vermelha com malhas brancas. Procede-se a todo o tempo contra quem a retiver ou gratifica-se a pessoa que descubra o seu paradeiro. Nesta redacção se informa. 389

Cão desaparecido

Na segunda-feira última desapareceu no monte do Cavalinho um cão coelheiro, de cor amarela, que dá pelo nome de «Gaiato». Pede-se o favor a quem o encontrou de o entregar ao sr. Francisco Gonçalves Guimarães, na rua D. João I.

Procede-se a todo o tempo contra quem o retiver.

CADELA COELHEIRA amarela rabana desapareceu no dia 2, dando pelo nome de Beleza e com a idade de 6 meses. Procede-se a todo o tempo contra quem a retiver.

Alberto Cardoso — Largo da República do Brasil, 25. 391

FUTEBOL

Para a terceira Jornada do Campeonato Nacional de Futebol, jogam hoje na Amorosa o Vitória e o Lusitano de Evora.

Os Vimaranenses, até agora, contam por derrotas os jogos realizados. Por isso o triunfo de hoje torna-se indispensável.

O Vitória deve apresentar hoje a sua formação definitiva, o que não pôde ainda fazer por disso terem estado impossibilitados certos elementos de primeiro plano.

Os desaires sofridos não devem ser encarados com pèssimismo, visto que o caminho a percorrer é longo e ainda há tempo de recuperação.

O que é indispensável é acertar o passo...

RESULTADOS DA 2.ª JORNADA

Benfica, 2-Sporting, 3
Atlético, 4-Estoril, 2
Belen., 5-Académica, 2
Bar., 4-V. Guimarães, 0
Lusitano, 3-Covilhã, 1
Braga, 2-Setúbal, 1
Porto, 4-Boavista, 2

CLASSIFICAÇÃO

	Jogos	Golos	Pontos
Barreirense	2	7—1	4
Lusitano	2	4—1	4
F. C. Porto	2	5—2	4
Sp. Braga	2	4—2	4
Belenenses	2	6—3	3
Sporting	2	4—3	3
Atlético	2	6—5	2
V. Setúbal	2	3—3	2
Académica	2	5—7	2
Benfica	2	3—5	0
Boavista	2	3—6	0
Estoril	2	2—5	0
Covilhã	2	2—6	0
Guimarães	2	0—5	0

Luís Filipe G. Coelho

Continuação da 4.ª página

ticas da minha vida apareciam-me sempre com o seu pessimismo e as suas dúvidas. Para singrar tinha de os afastar de mim.

O olhar leal e indulgente do Filipe Coelho era sempre benvindo, tinha conforto e agasalho.

Um dia, numa tarde amena de Fevereiro, veio ter comigo. Era ele nessa altura Presidente da Associação Artística e queria, nesse ano, festejar condignamente as bodas de diamante dessa Casa. Vinha pedir a minha humilde colaboração como médico dessa Associação. Trocámos impressões sobre o assunto que me diria respeito e fiquei encantado e admirado da sua cultura e visão acerca dos principais problemas de medicina social: a Eugénia — ciência social de F. Galton que estuda as leis que regem a procriação do indivíduo nas condições mais convenientes para o seu desenvolvimento normal e aperfeiçoamento do ser humano; o «Complexo mãe e filho» encarado como uma unidade funcional inseparável e indissolúvel; a trágica mortalidade e morbilidade da 1.ª infância; a urgente necessidade de proteger a mulher grávida e a mãe operária. Tudo isto se ventilou com desassombro e realismo.

Em primeiro lugar era necessário combater a inércia de quase todos, — e a ignorância de muitos, por meio de palestras, conferências e pela educação. Ficamos animados dos melhores propósitos.

A extraordinária e criteriosa actividade de Filipe Coelho evidenciou-se ao máximo nesse sentido. A sua acção fez abrir alguma luz em muitos espíritos e mobilizou muitas energias.

Homens como este são precisos muitos.

A cultura do espírito parece andar arredada dos objectivos humanos. O «mito de Hércules» cada vez se infiltra mais no espírito agressivo e egoista deste século atómico.

A inteligência humana parece de cada vez mais afastada das grandes realidades espirituais e esquecer o que há de prometedor e fecundo na crescente valorização do espírito.

Pena foi que a morte o arrebatasse tão prematuramente. Da sua tenacidade, das suas qualidades intelectuais e da sua bondade, muito havia que esperar.

I. V. C.

reira de Cónegos (1.ª fase) dando assim cumprimento a uma proposta do vereador sr. Manuel Faria e satisfação a uma legítima aspiração do povo daquele importante centro fabril.

Assinai o Notícias de Guimarães

UMA CARTA

Continuação da 4.ª página

meus familiares e à cordeal camaradagem dos amigos, esta notícia doeu-me mais acerbamente, mais amargamente. Mas... talvez que vivendo aí, assistindo a tudo o que se faz à volta de quem parte primeiro, acompanhando mais de pertinho o Amigo que dia a dia, em corrida desvairada, ia fugindo, fugindo sempre, eu sentisse dor igual, ou mais profunda até, sei lá!

Quando esta má nova chegou, estava eu lá para o interior do Niassa, e muito só. Pois que se estas terras têm beleza, eu não a vi ainda, se têm poesia não a senti, se têm história, não a sei. Então, muito entregue a mim mesmo, ia, como ainda vou, projectando um a um os «clichés» que documentam o meu passado. Lá estavam alguns com o Luís Filipe Coelho bem presente. (Esta presença do passado, como martiriza a existência!)

Era eu rapazito e o Filipe Coelho a querer fazer de mim, e de outros, actores compenetrados. Quanto exemplificava! Quanto explicava o efeito que pretendia tirar!

Passaram-se alguns anos, e ele de novo em luta, agora contra a natural rebeldia da adolescência, para exibirmos com agrado as «Danças».

Decorreu mais tempo e por várias vezes nos encontramos, em cavaquear ameno e familiar. Era um gosto ouvi-lo, com o seu característico bom humor, narrar peripécias de teatro — o teatro entusiasmava-o! — contar anedotas de actores, comentar desempenhos e peças. Este Filipe Coelho era bem outro. Deixando de ser o exigente e austero ensaiador — afável, sempre — mostrava-se agora, tal qual era: o bom companheiro, o inteligente crítico, o jovem culto mas que não deixou de saber rir e acamaradar. Morreu. E se o futuro, com a sua peculiar ingratidão, lhe esquecer o real valor, a acção cultural que desenvolveu enquanto presidente da *Associação Artística*, pelo menos — já que modestamente sempre escondeu o seu nome em tanta colaboração que deu a vários jornais — fará lembrar indefinidamente o nome saudoso deste Amigo.

Tendo eu descido para o sul de Moçambique, para a terra que a felicíssima arbitragem de Mac Mahon nos restituiu, entregue à infindável canseira de exibir e reordenar os tais «clichés», estes, onde vivamente surge Filipe Coelho, irão para uma secção que ele tristemente iniciou: «Amigos de quem me despedi temporàriamente, mas que nunca mais voltarei a encontrar».

* * *

Quis enviar as condolências, mas as protocolares, porque as outras são nossas, não se enviam para ninguém, nem tampouco se submetem aos arrebiques da pragmática. Mas para quem? Para o irmão... Não que o não conheço? Para outras pessoas de família? Mal as conheço também.

Determinei calá-las. Mas precisava de dizer qualquer coisa que se não submetia ao silêncio imposto, precisava de dizer que me doeu muito a morte deste Amigo. E não encontrei ninguém melhor do que aquele que fora dele Amigo íntimo, o Dr. Eduardo de Almeida.

Se o macei, sr. Dr., a sua bondade saberá perdoar-me, generosamente creio bem.

Um respeitoso e cordeai abraço do dedicado

A. SÍLVIO MACEDO.

Bela Vista — Lourenço Marques, 22 de Setembro de 1952.

Daqui não saio...

Continuação da 4.ª página

so convívio. E', no próximo dia 15, que festejava o seu aniversário, se ainda fosse vivo. Esse amigo é o saudoso Filipe Coelho. Foi Alguém que desapareceu do nosso meio. A sua modéstia condizia bem com o valor do seu espírito, porque a modéstia, quando é natural, é sempre sinal de inteligência e cultura.

Filipe Coelho, em toda a sua vida de desinteresse, pôs sempre o seu valioso préstimo ao serviço do semelhante. Na cátedra, como professor de ensino livre, instruindo e educando a juventude; junto das instituições sociais, prestando colaboração e assistência e na imprensa, defendendo sempre os bons princípios de moralidade social.

A Associação Artística Vimaranense ficou-lhe devendo muitos e importantes serviços. As festas e conferências notáveis ali realizadas; os prémios conferidos aos filhos dos sócios e subsídios concedidos às viúvas, tudo se deve à acção realizadora e benéfica de Filipe Coelho,

Há dias, quando lemos, neste jornal, as referências ao próximo Serão de Saudade a realizar em honra de A. L. de Carvalho, lembramo-nos de Filipe Coelho, o Tio Zé do Auto das Flores. Recordamo-nos de ter assistido à representação desta peça e estamos vendo a arte com que Filipe Coelho desempenhou o papel de jardineiro. E, ao pensarmos nisto, reconhecemos o dever que terá a Assistência ao próximo Serão de suspender a festa, por um momento, em homenagem à memória daquele saudoso Amigo.

Que a alma de Filipe Coelho me perdoe estas pobres referências e que Deus lhe dê a Paz Eterna.

JOAQUIM DO VALE.

CASA — aluga-se

Na Rua do Conde D. Henrique, n.º 11, com bom quintal.

Tratar com a proprietária no lugar de Reguengo, freguesia de S. Romão de Mesão-Frio — Guimarães. 379

BOMBEIROS VOL. DE GUIMARÃES

CONCURSO

Encontra-se vago o lugar de Motorista permanente, assalariado. Os pretendentes devem satisfazer as seguintes condições:

a) — Ter idade inferior a 35 anos;

b) — Possuir carta de ligeiros e pesados.

São condições de preferência:

a) — Ser bombeiro motorista;

b) — Ter bom comportamento moral e civil;

c) — Possuir conhecimentos de mecânica sobre moto-bombas;

d) — Ter prestado serviço militar.

Os requerimentos devem ser dirigidos ao Comandante e neles devem ser indicadas as condições a que satisfaz o requerente. 390

O prazo do concurso termina no dia 15 do corrente.

Domingo, 19 de Outubro

A **Sapataria Luso** expõe o seu vasto sortido para a Estação de inverno em modelos de alta criação.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 13, o sr. Manuel Joaquim Vieira da Cunha Machado (Teibão) e o nosso amiguinho Francisco Albano Gonçalves Dias de Castro; no dia 14, os nossos prezados amigos srs. Rogério da Silva Crespo Guimarães e Vasco de Oliveira Bastos e *mademoiselle* Maria Isaura de Freitas Costa; no dia 15, o nosso prezado amigo sr. Augusto Joaquim da Silva, estimado solicitador nesta comarca; no dia 16, o menino Armando António Rodrigues de Araújo, filho do nosso bom amigo sr. Joaquim Rodrigues de Araújo, de Carreira (Famalicão); *mademoiselle* Alda Pinto Rodrigues, filha do nosso bom amigo sr. dr. Francisco Pinto Rodrigues, e os nossos amigos srs. Fernando Francisco Loureiro Moreira e João Carlos Soares; no dia 18, o nosso prezado amigo sr. Tomás Rocha dos Santos; no dia 19, o menino José Manuel Machado Ferreira, filho do nosso bom amigo sr. Joaquim Ferreira, e os nossos prezados amigos srs. Domingos António Leite de Freitas Fernandes e José Francisco Rosas Guimarães, Presidente da Junta de Turismo das Taipas e Vereador da Câmara Municipal.

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

Partidas e chegadas

Regressou ontem a Lisboa e veio apresentar-nos os seus cumprimentos, o que muito nos penhorou, o nosso querido amigo e conterrâneo e distinto Pintor de Arte Prof. sr. Abel Cardoso.

— Com sua esposa e filhos regressou à sua casa de Meilão (Aguas Santas) Ermesinde, o nosso querido amigo e distinto cirurgião sr. dr. António Paúl.

— Com sua esposa sr.ª D. Violante Vilaça Ferreira, esteve nesta cidade, de visita a pessoas de família, o nosso prezado amigo sr. Manuel Artur Gonçalves Ferreira.

— Da sua casa d'Arcela regressou a esta cidade o nosso prezado amigo sr. dr. Augusto Ferreira da Cunha, presidente da Câmara Municipal.

— Regressou, com sua família, da Póvoa de Varzim a Fafe, o nosso prezado amigo sr. Custódio Vila Nova Guimarães.

— Cumprimentámos, nesta cidade, os nossos bons amigos srs. capitão Manuel de Jesus Rebelo da Cruz e José Soares Barbosa de Oliveira, residentes em Viana do Castelo.

— Regressou, com sua família, das suas propriedades de Arões a esta cidade, o nosso bom amigo sr. tenente Alvaro Martins de Campos.

— Das suas propriedades de Pencelo, regressou, com suas filhas, o nosso bom amigo sr. António Augusto de Almeida Ferreira Júnior.

— Regressou, da sua vivenda das Taipas, com sua família, a esta cidade, o nosso prezado amigo sr. dr. José da Conceição Gonçalves, digno veterinário municipal.

— De Itália, onde foi a convite do Governador do Distrito Rotário, regressou o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. eng.º José Coelho de Lima, que veio encantado com tudo aquilo a que lhe foi dado assistir.

— Do estrangeiro à sua casa de Vizela, regressou, recentemente, o nosso prezado amigo sr. Joaquim de Sousa Oliveira.

— Encontra-se em Paris, devendo regressar em breve, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Vital Marques Rodrigues.

— Com suas famílias regressaram, de aldeia a esta cidade, os nossos prezados amigos srs. Casimiro Martins Fernandes, Manuel Marques e Luís Ribeiro Loureiro.

— Com sua família regressou das suas propriedades da Beira Alta a esta cidade o nosso prezado amigo sr. dr. Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas.

— Partiu para Lisboa o nosso prezado amigo sr. Albano M. Coelho de Lima.

— Regressaram de Lisboa os nossos bons amigos srs. Gaspar Lopes Martins, António José Pereira Rodrigues e dr. Jorge da Costa Antunes.

— Partiu para Paris o académico sr. Domingos Pinto Varela, filho do sr. Manuel de Sousa Oliveira Varela e da sr.ª D. Maria da Conceição Varela, de Vizela. O mesmo académico vai àquela capital em viagem de estudo.

— Das suas propriedades de Souto, com sua família, regressou a esta cidade o nosso bom amigo sr. António de Sousa, industrial.

— Com sua esposa esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Fernando Barbot Costa, do Porto.

— Com sua esposa regressou de Lousado o nosso prezado amigo sr. dr. Daniel Nunes de Sá.

— Regressou de S. Gregório a Pias (Monção) a sr.ª D. Maria Fernanda Alves.

— Regressou com sua família das Taipas o nosso bom amigo sr. Manuel de Oliveira Cosme.

— Regressou com sua família da Póvoa de Varzim o nosso amigo sr. José Costa Coutinho.

— Com seu marido tem estado nesta cidade a sr.ª D. Maria de Lourdes Couto Moreira de Campos, residente em Lisboa.

Doentes

Continua doente, tendo contudo experimentado sensíveis melhoras, a sr.ª D. Joana Ferreira Oliveira Rodrigues, esposa do nosso prezado amigo sr. dr. José Pinto Rodrigues.

— Encontra-se doente a sr.ª D. Isabel Mendes Belo S. Carneiro, esposa do nosso prezado amigo sr. desembargador dr. António Carneiro.

— Continua doente a sr.ª D. Marília Passos de Oliveira, esposa do nosso prezado amigo sr. Manuel Mendes de Oliveira.

— Tem passado doente, na quinta de Santa Apolónia, em Silvares, uma filha da sr.ª D. Valdemira dos Prazeres da Silva Penafort Bastos.

Desejamos as melhoras de todos os doentes.

Operação

No Hospital da Misericórdia desta cidade onde se encontra internada em quarto particular, foi operada pelo distinto cirurgião portuense dr. Gomes de Almeida, a sr.ª D. Maria da Soledade de Almeida Ribeiro, dileta filha do nosso querido amigo sr. José Torcato Ribeiro Júnior, estimado industrial.

Desejamos o seu breve e completo restabelecimento.

Casamentos

No Santuário Eucarístico da Penha, realizou-se, ontem, com muita solenidade, o casamento da sr.ª D. Maria Clara do Espírito Santo Barreira Teixeira, gentil filha da sr.ª D. Maria Celeste Barreira Teixeira e do sr. João Teixeira, comerciante nesta cidade, com o sr. Carlos Alberto da Costa Ferreira, de Mogege — Famalicão, filho do industrial sr. Francisco Ferreira e da sr.ª D. Ana Ferreira da Costa.

Paraninfaram o acto os pais dos noivos e conduziu as alianças a a menina Arnaldina Augusta de Oliveira Ferreira, prima do noivo.

Foram caudatárias da noiva, que vestia uma elegante «toilette», as meninas Maria Helena Saavedra Teixeira e Maria José Salgado Teixeira e o menino António Guilherme Saavedra Teixeira, todos seus primos.

Após a cerimónia religiosa realizou-se um copo d'água em que foram feitos brindes pelas felicidades dos nubentes.

Na corbeilhe da noiva viam-se muitas e valiosas prendas.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

— No dia 5 e na Igreja do Carvalhido, no Porto, consorciaram-se a sr.ª D. Isolina Pereira Gonçalves Ferreira, professora oficial, filha do sr. Miguel Gonçalves Ferreira e da sr.ª D. Ana Pereira Gonçalves Ferreira, e o sr. Fernando Ramos Camisão, funcionário da Agência nesta cidade do Banco Nacional Ultramarino, filho do sr. José Ramos Camisão, tesoureiro da Fazenda Pública e da sr.ª D. Marinha dos Santos Camisão.

Testemunharam o acto, por parte da noiva, o sr. dr. juíz Mário Gonçalves Ferreira e esposa a sr.ª D. Berta Moreira Gonçalves Ferreira, seus tios, e por parte do noivo, seu irmão e cunhada, o sr. capitão José Ramos Camisão e esposa a sr.ª D. Luísa Faria Camisão.

Serviram de caudatárias a menina Maria Isabel Marinho Camisão e o menino José Manuel Marinho Camisão, sobrinhos do noivo, tendo conduzido as alianças a menina Ana Maria, sobrinha da noiva.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

Nascimentos

Deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Isabel da Costa Oliveira, esposa do nosso prezado amigo sr. Manuel de Sousa Oliveira, industrial em Lordelo.

Mãe e filha estão bem. Parabéns.

— Deu também à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria Zulima Pimenta Martins Fernandes, esposa do nosso prezado amigo sr. Francisco Ramos Martins Fernandes. Mãe e filho estão bem. Parabéns.

Baptizado

No templo paroquial de N. S.ª da Oliveira recebeu o sacramento do baptismo, no pretérito domingo, um filhinho da sr.ª D. Carmen Fernanda Vilaça Ferreira B. de Oliveira e do sr. João de Freitas Barbosa de Oliveira, a quem foi dado o nome de João Manuel. Foram padrinhos a avó paterna a sr.ª D. Julieta Fernandes de Freitas Oliveira e o avô materno sr. Manuel Artur Gonçalves Ferreira.

Vida Católica

As crianças da catequese de S. Sebastião, em passeio

O Rev. Prior de S. Sebastião, desta cidade, Padre dr. José de Jesus Ribeiro, para premiar e estimular a assiduidade e frequência das crianças da sua vasta freguesia à catequese, proporcionou-lhes, no último domingo, um belo passeio a que se associaram pessoas de família das crianças e, depois da missa das oito horas, em oito luxuosas camionetas, lá seguiu em grande e esfusiante alegria a caravana para a Póvoa de Lanhoso e Nossa Senhora do Porto d'Ave e outras paragens, recolhendo ao presbitério, ao anoitecer, retirando, depois de terem assistido à bênção eucarística, a suas casas, bendizendo dos belos momentos passados em alegre convívio e do seu Pastor que, paternalmente, os acompanhou e lhes proporcionou tão educativa distracção.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Nobel, Rua de Santo António, Telef. 40199.

Inspecções militares

Os mancebos desta cidade, que por motivo de doença não puderam comparecer à inspecção na época competente, devem apresentar-se no dia 21 do corrente mês, pelas 9 horas, na séde do Distrito de Recrutamento em Braga.

Transferência

A seu pedido foi transferido para a Escola Industrial e Comercial Carlos Amarante, de Braga, o nosso estimado conterrâneo sr. Francisco Matos Chaves, ex-professor da Escola Industrial e Comercial de Guimarães.

Pagamento de recibos de Rádio

Encontrà-se em pagamento nas estações dos C. T. T., até ao dia 20 do corrente, o pagamento dos recibos referentes ao 2.º semestre de 1952.

V. Ex.ª vai a BRAGA?

Se vai não deixe de visitar a

CASA DAS MALHAS e CASA DOS ATOALHADOS

na RUA DOS CAPELISTAS, onde na sua

GRANDIOSA FEIRA DO OUTONO

encontrará centenas de *peças de malhas* para Senhora, Homem, e Criança, ***por preços baratíssimos***!

Meias — Malhas — Atoalhados — Cobertores e muitos outros artigos. Meias de vidro desde 15$00! Grandes saldos de cobertores de boa lã desde 87$50!

FAZEMOS GRANDES DESCONTOS PARA REVENDA 587

Os nossos apelos

Para o apelo que fizemos recebemos dois donativos, um de Esc. 20$00 e outro de 5$00, de dois leitores amigos, aos quais agradecemos.

Oxalá que outros venham em auxílio das pessoas para quem pedimos.

* * *

António Maria Ribeiro, internado no Pavilhão Masculino Lateral, do Sanatório D. Manuel, em Vila Nova de Gaia, pede a uma generosa senhora que se digne ser sua «Madrinha Espiritual», a caridade de o comunicar para ali ou por nosso intermédio.

Aí fica o seu apelo que patrocinamos deste modo.

Teatro Jordão

HOJE, ÀS 15 E 21 HORAS

APRESENTA

A maior aventura dos mares filmada em todos os tempos!

EPOPEIA NOS MARES

com *Gregory Peck* e *Virginia Mayo*

Um hino à bravura inglesa nas guerras Napoleónicas!

TERÇA-FEIRA, 14 — ÀS 21 HORAS

AQUELE BEIJO, *à meia-noite*

(Tecnicolor)

com *Kathryn Grayson, José Iturbi, Ethel Barrymore* e *Mário Lanza*

Um maravilhoso espectáculo para os olhos e para os ouvidos!

QUINTA-FEIRA, 16 — ÀS 21 HORAS

O rei e a nova raínha do bailado e da canção no maravilhoso filme:

CASAMENTO REAL

(Tecnicolor)

com *Fred Astaire* e *Jane Powell*

Um «clou» jamais visto no cinema: Fred Astaire dançando nas paredes e no teto duma sala.

SÁBADO, 18 — ÀS 21 HORAS

596 ***Em Sessão Popular***

VINGANÇA E GLÓRIA

Câmara Municipal de Guimarães

ANÚNCIO

Faço público que no dia 29 de Outubro de 1952, pelas 15 horas, na Sala das Sessões da Câmara Municipal de Guimarães, perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação da «Obra de: Pedreiro, Trolha e Picheleiro, da Fonte Artística e Monumental a erigir na Praça do Toural».

Base de licitação: 95.500$00 (noventa e cinco mil e quinhentos escudos).

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas Filiais ou Delegações o depósito provisório de Esc. 2.400$00 (dois mil e quatrocentos escudos), mediante guia passada pela Câmara Municipal de Guimarães, em qualquer dia útil, durante as horas de expediente até às 12 horas do dia do concurso.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Repartição de Obras da Câmara Municipal de Guimarães.

Guimarães e Paços do Concelho, 2 de Outubro de 1952.

O Presidente
da Câmara Municipal 591

Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

"A história do povo é a história das instituições municipais"

Gama Barros.

A' Ex.ma Câmara Municipal

19) Of. **EDUARDO DE ALMEIDA.**

Para bem nos integrarmos no exame do *anima rerum* das Inquirições de 1220, convém termos presente a noção das operações executadas no velho ou primitivo organismo das *vilas*, donde lhes proveio nova forma estrutural, muito principalmente determinada pelos sucessivos parcelamentos que sofreram. Tomo em *Alberto Sampaio* o exemplo da vila de *avezani*: já em 1058, segundo um diploma, ela tinha as mesmas confrontações da freguesia actual de S. Tomé de Abação, como acontece com a vila de *creximir* e outras. Mas se Avezano e Creximiro as possuiram em sua totalidade, (e a segunda, ainda assim constituída, foi objecto da doação de Ramiro II), pelos anos, e por virtude mesmo do seu cultivo e povoamento, fraccionam-se em casais, ou sub-unidades. O atropelo das invasões, tão particularmente acidentadas e violentas em período agitado, repetidas e frequentes, aduziu a instabilidade do senhorio e a rápida mudança no dono, expulso com a mesma violência com que entrara, além de que, em combate palmo a palmo, devia trazer, aqui e além, mais uma retalhação fragmentária da unidade do vilar. As presúrias dividiam, portanto, as sub-unidades já existentes em dois ou mais senhores. As *portiones*, pertencentes a estas, mesmo quando mantidas através de anos futuros, vinham, por sua morte, a sofrer novas divisões com as sucessões e os herdamentos — as herdades. Outras faziam-se, com as doações e testamentos, ou por meio de transacções várias, sobretudo vendas, escambos, etc. Havia ainda as concessões para cultivo, de várias formas, além dos arrendamentos. Todos os diplomas, consultados e indicados em resumo nestas páginas, são o exemplo frisante desse movimento. Uma outra consideração muito importante, há a relembrar — é a do predominante senhorio régio. A conquista significava, em princípio, o absoluto senhorio do chefe. O património real foi assim inicialmente constituido. Mesmo quando o guerreiro efectuava a presúria, ficava-a possuindo como concessão régia, ou em nome do chefe. E' por isso que, em cada freguesia, como vemos naquelas Inquirições, a coroa tinha bens e foros.

Notável e digno de memória é, sem dúvida, o facto da unidade da vila, como agregado persistente, dentro, mas sem retalhos, dos primitivos limites, se haver mantido intacto e perdurar imutável (salvo raríssimas quebras) sobre todas essas vicissitudes da fragmentação e do parcelamento. O *aninus villae* (que se formara da comunhão espiritual, resultante da identidade de costumes, dos laços de afecto entre parentes e vizinhos, da necessidade mútua de auxílio e socorro, de como uma solidariedade afectiva e familiar), poderoso e forte, deu a unidade rural, que é a nossa freguesia. «As duas instituições, nota com a sua habitual clareza *Alberto Sampaio*, sucedem-se, mas não se confundem: as vilas foram propriedade em todo o rigor da palavra; a freguesia é uma espécie de comuna sem carta, que se forma em volta do campanário»: Não é possível, acrescenta, fixar a data em que uma deixa de existir e começa a outra, por isso mesmo que transformações tais se operam lentamente: «todavia em ambas o perímetro é em geral o mesmo, e idêntica a população, proveniente da estirpe antiga das clientelas, que desceram das citânias acasteladas.» E esta é «a molécula do futuro *concelho*.»

Foi o estudo atento das Inquirições que municiou *Alexandre Herculano* da substância histórica com que escreveu, com a sua austera meticulosidade, algumas das mais formosas páginas da magistral descrição e revivência de *A Sociedade* —, matéria do Livro VII (edição 8.ª) da *História de Portugal* (desde o começo da monarquia até o fim do reinado de Afonso III) e em alguns dispersos, recolhidos nos *Opúsculos*; como a *Henrique da Gama Barros* os mais importantes capítulos de todo o longo Título VI (além já do II do Título anterior) desse verdadeiro monumento de trabalho e estudo que é a *História da Administração Pública em Portugal* (nos séculos XII a XV): é a elas que têm de recorrer quantos se proponham qualquer investigação séria em relação a esse período da nossa vida nacional, em já tão remoto passado. Ali está perfeitamente desenhado, especialmente na economia agrícola, na população, nos costumes, nas classes, nos meios e na forma da produção, nos tributos e encargos do povo, nos bens e usos da coroa, no património das ordens monásticas, nos proventos dos grandes e até na formação da própria aristocracia, naquelas duas obras primas da História Portuguesa. E bem me apraz ao meu coração de vimaranense acrescentar que tanto mais folheio a obra primorosa do nosso grande *Alberto Sampaio* mais como religiosamente admiro a singular grandeza desse trabalho verdadeiramente superior e modelar, tão alto e tão profundo como os de Herculano e a par de Herculano e de Gama Barros, que são *As Vilas do Norte de Portugal*: com as *Póvoas Marítimas* constituem a primeira parte dos *Estudos Históricos e Económicos*; valiosíssimos são também os seus estudos sobre a vida e a economia agrárias. Grande Talento, grande Coração!

Nada podendo nem sabendo acrescentar ao que está feito, mesmo em relação ao nosso concelho, vou limitar-me a apontar, aqui e além, nesta ou naquela freguesia, uma ou outra das notas informativas, colhidas nas Inquirições, e que, ao dar-nos como o panorama rural do tempo, nos tragam algumas das particularidades dos sítios e de seus usos e costumes. E, para melhor compreensão delas por aqueles menos familiarizados com o quadro desta época remota, dois apontamentos essenciais fàcilmente posso colher na obra de *Alberto Sampaio*. Como se falou aqui na fragmentação das vilas, deve ter-se em conta que nas sub-unidades resultantes houve o cuidado, em regra, de se atender às necessidades da vida agrária própria e independente em cada uma das parcelas, por forma que tivessem os agros dos cereais, os linhares dos bragais, as vinhas do cultivador, os pomares, os soutos, as bouças e os lameiros, a horta, além da casa, com o seu eido, e o estábulo para o gado — tal como ainda hoje encontramos, guardadas as devidas proporções, nas pequenas herdades ou nas quintas. Além dos cultivadores, em cada uma dessas antigas unidades, a vila que se foi transformando na freguesia, havia as indústrias agrícolas — os *lenzarios* ou tecelões (*lenzo* é o pano de linho), com que se amanhavam os bragais, os moleiros, o forno, o fabrico do pão, o amassar do barro e o fabricar da telha, a cerâmica rude para uso doméstico, além do pedreiro, carpinteiro, etc.

Dos antigos colonos, que se tornaram livres ou continuaram servos, encontramos, entre os que se dedicavam à lavoira dos prédios, os *ingénuos* ou homens livres, os *fiscalia fatientes* ou adscritos, os servos ou *servizal*, e os *ingenuatizos* ou servos libertos; como vemos os *herdadores*, ou possuidores da terra, uns cultivando-a directamente, como o nosso lavrador proprietário, outros, como senhorios, dando-a de arrendamento aos caseiros — os *reguengueiros* eram os arrendatários dos bens da coroa ou do fisco, que pagavam rendas certas ou quotas, sujeitos, além das *direituras*, a tributos, foros e outras imposições.

Coutinua.

Se vivo fosse, completaria no dia 15 do corrente 52 anos de existência o nosso saudoso Camarada e Amigo Luís Filipe Coelho, que faleceu no dia 24 de Maio último e deixou em todos aqueles — e tantos eram — que conheciam as suas extraordinárias qualidades de inteligência, de carácter e de trabalho, perdurável recordação.

Nestas colunas do nosso jornal, que tantas vezes honrou com o fulgor da sua brilhante pena, presta-se-lhe, hoje, embora singela, a homenagem a que tinha direito e na qual tomam parte alguns dos nossos ilustres Colaboradores, que mais de perto conviveram com o nosso inolvidável Amigo.

Luís Filipe Gonçalves Coelho

De todos os meus Companheiros do Liceu o Filipe Coelho foi sem dúvida um dos que maior influência exerceu em mim. Alguns ficam na nossa memória apenas para nos recordarem acontecimentos agradáveis ou desagradáveis a constituirem como que o material indispensável para formarem os cenários ou os ambientes das nossas evocações. Outros vão muito mais longe e formam como que os pilares dos nossos próprios sentimentos e realizações, prolongam e expandem a nossa confiança, enchem o tempo.

O Filipe era destes. A nossa amizade cresceu e enraizou-se desta maneira. Até mesmo as irreverências próprias de rapazes nunca criaram amuos ou soluções de continuidade.

A cada encontro por mais espaçado que ele fosse correspondia sempre o mesmo abraço franco e fraterno e com ele o volume crescente das melhores e mais gratas recordações. Só somos totalmente nós, quando podemos dar balanço integral ao que fomos. Dilatamos e ampliamos tanto mais a nossa existência, quanto mais podemos trazer à superfície da nossa consciência o borbulhar caprichoso e desigual da nossa evolução espiritual e sentimental. A plenitude só se vislumbra em raros e fugidios momentos.

O Filipe Coelho representava para mim o já longínquo fio de uma indestrutível e indulgente confiança.

O seu olhar aliciante, amigo e leal, ficou desde sempre cravado em mim como benéfico incentivo.

Os olhares de alguns outros companheiros fizeram-me sempre estremecer.

Eram olhares negativistas, incrédulos, cheios de proféticas pragas. Em quase todas as situações crí-

I. V. C.

Conclui na 2.ª página.

A' Alma do Filipe

Em breve aí me tens... Havemos conversar,
Que a matéria é que morre, a Alma é imortal:
E juntos, no Além, havemos recordar
A nossa Terra Mãe, que é a Mãe de Portugal.

Outubro de 1952

DELFIM DE GUIMARÃES.

Duas palavras de saudade

No drama psíquico de Luís Filipe há a vocação contrariada pelo destino — aqui as condições e circunstâncias da vida — e a força de ânimo de contrariar o destino, subordinando-o à vocação. Tinha a mística da cultura, que procurava no Livro, sem tempo, se não o roubado ao sono e ao descanso, para o delírio febril da leitura agitada. Dela lhe adveio à consciência o imperativo de ser útil para a mocidade escolar: nas suas explicações, metódicas, pacientes, com verdadeiras qualidades de saber ensinar, havia o fervor do companheiro que tomou o encargo de servir de guia na jornada. O dever cria deveres, como a actividade se torna poderosamente germinativa. Como impulso de sentimento consciente dedicou-se à obra do mutualismo, de que foi um dos últimos e dos mais inteligentes e carinhosos paladinos: a sua passagem pela Associação Artística, que restituiu ao seu antigo significado social, ficará marcada na vida daquela casa. Luís Filipe era um grande realizador de actividade social, em tempo e meio onde a regra é a do aferrolhamento no interesse privado: e, sob este aspecto, mais uma faceta do seu carácter dinâmico, exerceu com fé e devoção como certo estímulo pedagógico. Seu desvelado empenho andava à cata de um valor, real ou suposto, para o trazer à vista, e, escondendo-se, fazer valer e fazer brilhar os outros. E como estava sempre às ordens para servir, quem lhe recusaria o encargo ou tarefa de que ele o imaginara capaz de realizar? Quantas páginas da vida vimaranense não foram escritas e feitas assim...

Conversador admirável, ele punha em cada assunto o dito espirituoso que o resumia ou desfibrava, ou trazia a cada problema o sublinho da sua inteligência culta na apreciação exacta. Mas tudo era pouco para esta alma ansiosa de ser prestável e o melhor da sua obra e do seu tempo, sem que nos seja possível descobrir como operava o desdobramento de tantas horas de ocupações variadas, perde-se confusa no noticiário de vários anos do que houve e do que se fez em Guimarães. Assim vencia o destino, talvez com o coração a sangrar por não poder ser mais inteiramente, sobre o muito que foi notàvelmente, o que estava no íntimo da sua vocação de escritor — poeta, jornalista, ensaista e comediógrafo — escrevendo, representando, ensaiando peças, donde sua autoridade como digno crítico teatral, coisa rara entre nós.

Não era só escrever com espontânea facilidade e clareza de estilo polido e de cunho pessoal, era o modo atilado e espirituoso com que versava assuntos, a elevação e a propriedade com que os debatia, o ver fundo e certo nas questões, o resolver com aprumo as emaranhadas complicações dos problemas de tudo e de nada, que são a teia da vida jornalística. Muitos dos seus discursos são verdadeiros ensaios. Nas suas poesias há o frémito de uma sensibilidade ardente. Deixou inédito um livro de suas poesias escolhidas. Seria justo preito de gratidão dos vimaranenses conseguir que ele seja publicado, bem como uma selecção dos seus trabalhos literários. E' um dever da Associação Artística prestar-lhe devida homenagem.

Meu caro Luís Filipe: eu não sei como pude escrever estas duas linhas secas, através a mágoa viva da minha dolorosa saudade...

EDUARDO D'ALMEIDA.

Naquele tempo, a Juventude Católica, instalada no casarão de S. Domingos, era o centro de atracção dos rapazes de Guimarães.

Com a sua boa biblioteca, as suas salas de jogos, a tuna e o grupo cénico, constituia uma agremiação acolhedora, onde se passavam horas de admirável convívio, aplicadas ou na leitura, ou nos jogos lícitos, ou em qualquer das modalidades artísticas constituidas pela tuna e pelo grupo cénico.

Por lá passaram muitos dos rapazes do meu tempo e de lá saíram iniciativas de profundo carácter bairrista, como, por exemplo, a criação do grupo Prò-Vimarane *que marcou uma nova linha de rumo nas aspirações e no sentir dos rapazes que devotadamente se allaram num desejo forte de bem servir a terra de Guimarães.*

Foi na Juventude Católica que conheci o Luís Filipe. Era ele então o director e orientador do grupo cénico que havia já adquirido certa nomeada, não só na cidade como em diversas outras terras onde se tinha exibido.

Eramos ambos idealistas, embora em campos opostos. Mas éramos, também, bons amigos. E essa amizade, com um pequeno interregno, manteve-se sempre bem viva pelos tempos fora.

«Uma alma vale pela ressonância que nela despertam as coisas», escreveu L. França. A alma do Filipe era boa, leal, sincera.

Eramos, na verdade, idealistas. Viviamos a maré alta dos nossos ideais num anseio enorme de endireitar o mundo. Deliravamos no sonho que empolgava as nossas almas moças num desejo incontido de bem servir, num estado febril de inquietude e de insatisfação que nos fazia caminhar em frente numa missão árdua de apostolado.

Eram outros os tempos, e havia, nos actos que se praticavam, personalidade, carácter e brio.

As almas não se tinham amolentado na estagnação putrefacta da hora que passa, essencialmente materialista, sem ideal, sem nobreza, sem dignidade.

Combatia-se com entusiasmo, com dureza mesmo, mas com fins construtivos, com convicção e com firmeza.

Seguia-se a sentença imortal de Santo Agostinho: — combater os erros, mas sem deixar de amar os homens.

A dignidade não era sinónimo de orgulho ou de enfatuada vaidade. Cada um procurava cumprir o seu dever, na certeza de que nele começavam e se impunham os direitos próprios.

Foi, pois, nessa hora magnífica de entusiasmos e de anseios nobres que eu conheci o Luís Filipe que agora vive na saudade dos amigos que muito o estimaram e lhe apreciaram o desinteresse, a nobreza e a lealdade de carácter.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.

Assim pensamos

Que *o homem não vai todo à sepultura*, é bem certo; de si deixa, cá na terra, recordação imorredoira através da obra que produziu, quer na literatura, quer na arte e na ciência, ou mesmo pondo nos actos da sua vida a nota característica e bela do seu amor pelo próximo, da sua dedicação sincera pelos que sofrem, pelos sem amparo, bàrbaramente condenados a terríveis baldões da sorte.

Por isso é que, extinta a vida de alguém que se assinalou por algum desses modos, cumpre aos que lhe sobreviveram não olvidar nunca que a sua passagem pela terra foi proveitosa e merece ser a cada passo lembrada e venerada.

A isso se destina, cremos, este número do «Notícias de Guimarães». E se é certo que o nosso panegírico peca pela pobreza da expressão, não é menos verdade que ele se evidencia pela sinceridade, e isto basta para que algum valor possa ser-lhe atribuido.

Não morrem, pois, totalmente, os que à sociedade prestaram algum serviço de reconhecida utilidade. Pelos tempos fora continuarão a viver na recordação dos que tiveram a desdita de ver desaparecer o seu envólucro material.

E' bem passageira a duração do perfume das flores, a réstea de sol de inverno que nos acalenta e ani-

R.

Conclui na 2.ª página.

FILIPE COELHO

Mantem-se viva e impressionante a recordação deste ínclito vimaranense, tão notavel pela vivacidade da sua inteligência e pela coragem cívica com que sempre se ergueu firme no seu posto de combate, sem nunca esconder ou dissimular a bandeira dos seus ideais.

A materialidade da época, que posterga a destreza do espírito e se extasia e exhaure em exibições de agilidade muscular, não o fanatizou. Relativamente novo, pois morreu aos 50 anos, teve a galhardia de se manter *velho*, desde a juventude, na sua persistência de especulação intelectual, no seu patriotismo que o fez democrata e republicano, e na ânsia com que sempre procurou realçar a sua terra, dando-lhe todo o potencial do seu grande mérito de pensador e de estudioso insaciável.

Desgraçadamente, Guimarães, tal como se nos apresenta na realidade actual, não o merecia; ele era, entre uma escassa meia dúzia de pares, excepção demasiado fulgurante para um meio apagado e inerte em que se não vislumbra uma cintilação. Por isso a morte o levou.

7-10-52.

M.

Recordando...

(À memória do bom do Filipe Coelho)

«As palavras da Amizade
Sincera, com devoção
Dita-as a voz da Saudade,
E guarda-as o Coração.»

O' alma, segue teu rumo!
Deixa o Mundo em vão conflito...
A vida é espiral de fumo
Que se perde no Infinito!

De tudo o que é chão e passa,
Quem a vacuidade ilude?
De Deus só nos resta a Graça,
Porque é filha da Virtude!

Por isso, amigo, ao lembrar
Os tempos que longe vão,
Minh'alma fica a chorar
E em silêncio o coração.

12-10-52

MENDES SIMÕES.

Uma faceta que se destaca

Guimarães tem tradições dramáticas.

Na era de Seiscentos fundou-se aqui uma irmandade votada ao culto de S. Nicolau. Seus confrades eram da cepa escolástica.

Quando arrumados na vida, não perdiam por isso o seu carácter académico.

Eram os «aposentados».

Sacerdotes, físicos, letrados, notários, escrivães, todos eram acolhidos na *irmandade dos estudantes*.

Sòmente quando se consorciavam, perdiam a faculdade em tomar parte nas celebrações festivas, quanto ao programa profano dessas festas.

Uma das maneiras de criar receita para o esplendor das festas, eram as representações teatrais.

Um capítulo do seu estatuto determinava a admissão de uma dezena de confrades, fora do foro académico, com o fim de colaborar nas citadas representações. Como estas careciam de tempo livre para os ensaios, com efeito só os «irmãos leigos» ofereciam melhores condições de assiduidade.

As peças que eram levadas à cena pelos confrades da Irmandade de S. Nicolau, tinham como tablado as naves dos templos, os claustros, os adros, os páteos, os salões.

Estas manifestações culturais eram protegidas pelos centros universitários, de remota antiguidade.

Camões fez e representou nas festas escolásticas da sua geração.

Gil Vicente, Vimaranense excelso, foi o precursor do Teatro.

Quando, pois, os nossos académicos se exibem nos palcos, mantêm uma tradição e radicam uma arte.

*

Luís Filipe Coelho fomentou no seio da nossa Academia a arte cénica.

Nas comemorações do 1.º de Dezembro, nas festas Nicolinas, todas as vezes, enfim, que a mocidade académica surgia a ribalta da cena, lá estava, regra geral, Luís Filipe Coelho.

Desdobrando esta sua característica teatral para além do meio académico, viamo-lo, ora ensaiando, ora interpretando papéis de responsabilidade — como um artista.

O seu amadorismo, não conheceu o fraco dos *furiosos*.

Dono e senhor de uma multiforme inteligência, Luís Filipe Coelho dava ao desempenho dos seus papéis um brilho excepcional.

Tendo uma certa reserva de conhecimentos quanto ao teatro clássico e popular, sabia tirar efeitos dos papéis que lhe distribuiam.

Devo-lhe reconhecimento — sua memória me é grata — pelo que fez em benefício do *Auto das Flores*, em 1925.

Como ensaiador e intérprete, a ele fiquei devendo uma boa percentagem do êxito que essa pequena opereta colheu.

Longe dos tempos em que os chamados «cómicos» eram vigiados como pessoas suspeitas; tornado clarividente e formal o desígnio superior do Teatro, em Luís Filipe Coelho eu recordo os amadores da minha época — mormente agora que o teatro de declamação toca um pouco... a finados.

A. L. DE CARVALHO.

UMA CARTA

Amigo e Senhor Dr. Eduardo de Almeida

Soube já há bastantes dias, por dolorosa notícia que meu pai me enviou, que no Hospital da Misericórdia havia falecido o nosso comum Amigo Filipe Coelho.

Ainda molestado intimamente pela fuga ao carinhoso convívio dos

Continua na 2.ª página.

Morto, mas recordado

Recordar os mortos — e de um modo especial os que a morte não deixou revelar, em mais larga escala, os seus méritos profissionais e pessoais — é, para mim, praticar um acto de justiça, ao qual se encontra ligada a saudade que se radicou no meu espírito pelo desaparecimento de pessoas nessas circunstâncias. Quero referir-me, por hoje, ao querido amigo Luís Filipe Coelho, que tão inesperadamente passou a dormir o sono da eternidade, quando ainda muito se esperava das suas qualidades de inteligência, de iniciativa e de trabalho, qualidades que possuia, além de outras, na humilde situação do ambiente em que vivia.

Conheci-o, muito de perto, e a nossa convivência levou-me à conclusão de que a sua vida era, acima de tudo, caracterizada por boas intenções e por ardentes desejos de ser útil à sua terra e aos seus amigos, do que, aliás, deixou as mais evidentes demonstrações.

Dotado de uma inconfundível modéstia, a sua personalidade parecia viver apagada perante quem não conhecesse a quantidade e a qualidade das suas actividades, entre as quais deixou nitidamente vincadas no registo da sua biografia alguma de reconhecida sensibilidade bairrista. Como Presidente, durante vários anos, da Direcção da Associação Artística Vimaranense, a sua acção tornou-se notável sob diferentes aspectos, sem esquecer o que dizia respeito à Cultura, à Arte, à Beneficência e à expansão da Instrução. Conhecedor da engrenagem Mutualista, procurou integrar a referida Associação no seu verdadeiro papel, melhorando e alegrando o seu ambiente.

Como Professor do Ensino Particular no Magistério Secundário, não se tornou necessário que tivesse frequentado Escolas Superiores para que os seus conhecimentos em matéria de Pedagogia, de Metodologia, etc., se acentuassem com firmeza e com fervorosa dedicação pela sua profissão, tornando-o, assim, um Professor competente e digno da veneração e da simpatia dos seus alunos.

Foi assim que o Luís Filipe — como eu lhe chamava — soube conquistar um lugar de merecido relevo como Professor do Ensino Particular e ao qual se dedicou até ao período da maior gravidade da sua teimosa e cruel doença. Estudioso e meticuloso, Ele consagrava à Causa da Instrução notório interesse e desvelado carinho, razão por que essa sua profissão se transformou em verdadeiro hino de amor aos livros e aos seus alunos.

Por isso, recordar o seu nome a pouca distância do dia em que, se fosse vivo, festejaria o seu aniversário natalício — 15 do corrente — é, pela parte que me diz respeito, desfolhar sobre a sua campa as pétalas das flores da minha sentida saudade.

Outubro de 1952.

M. MENESES.

Daqui não saio...

Reagindo contra a inércia

Ou quer no mar, ou quer na terra,
A vida é luta, a vida é guerra.

Depois de algumas semanas de repouso, voltamos, novamente, à faina da vida. Bendito seja quem fez o descanso, dizem os ociosos. Bendito seja quem fez o trabalho, afirmam os diligentes. O descanso sabe bem, depois do trabalho e o trabalho sabe melhor, depois do descanso.

E' lutando e agindo, constantemente, que o homem, desde o início dos tempos e através dos séculos, vem conquistando o melhor dos seus direitos e regalias, assim como o grau de civilização que vai atingindo, à custa de muito sangue derramado, à custa de muitas dores e sacrifícios.

Existe e existirá sempre, no coração da humanidade um peso morto que é necessário remover e que tem sido sempre removido, em todas as épocas e em todos os tempos, por aqueles que se não sujeitam às leis da inércia, que é o mesmo que dizer, ao domínio da escravidão.

E' quase sempre áspero o caminho e o terreno a desbravar e nem sempre aqueles que o arroteiam, o regam com o seu suor e o fecundam com o seu sangue são os que gozam a felicidade de saborear os frutos sazonados, mas a História os contempla.

.....

Ao darmos início a uma nova fase de trabalho, queremos recordar o nome dum nosso amigo, que a saudade nos trouxe à memória e que há pouco desapareceu do nos-

JOAQUIM DO VALE.

Continua na 2.ª página.